

Joana C. S. Caetano

(Mestranda em Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Citação: Caetano, Joana C. S., "O Olho de Bensalem: Poder em *New Atlantis*", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 12 (2011). ISSN 1645-958X. <<http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id05id164&sum=sim>>

Numa época de permanente instabilidade política, devido à Reforma e à Contra-reforma da Igreja Católica, em que a unidade religiosa é, cada vez mais, uma impossibilidade, e em que o despotismo monárquico impede a evolução intelectual e o empreendimento, Francis Bacon descreve em *New Atlantis*, uma sociedade aparentemente ideal, por Deus abençoada com paz, saúde, prosperidade e sabedoria. O que proponho, contudo, provar neste curto ensaio é que essa mesma comunidade de Bensalem não é, em absoluto, uma sociedade ideal, mas sim um complexo motor político baseado na ambição científica e na luta pelo poder, sob a protecção de uma aparente religiosidade.

Após séculos de corrupção, a Igreja Católica é finalmente contestada por crescentes movimentos protestantes que, na sua essência, lutavam pela instauração do primeiro espírito cristão de pobreza e de solidariedade. No entanto, estas novas crenças religiosas conduziram também a um incremento da força católica, uma vez que os principais soberanos papistas tinham, então, um pretexto para encetarem as denominadas *guerras santas* e, conseqüentemente, expandirem os seus domínios político e territorial, sob a égide da Religião – como é o renomeado caso de Filipe II de Espanha. Todavia, com a devastadora destruição da Armada Espanhola por Isabel I e a consolidação da Igreja Anglicana, há um notável e vigoroso crescimento durante o Renascimento Inglês – antecipação da Idade Moderna em Inglaterra – ao fim de um longo período de obscurantismo. Como afirma Max Beer em *A History of British Socialism*, o espírito da invenção, da descoberta, da experiência, assim como o desejo pela expansão marítima e a liberdade política, tomaram a mente inglesa (*apud* 1979: 48). Francis Bacon, enquanto fundador do pensamento moderno, anunciou a vinda do Reino da Ciência, do trabalho prático e da produção de riqueza. Citando Beer, ainda na mesma obra, “[Bacon’s] *Novum Organum* is sober positivism; his *New Atlantis* is idealised scientific practice” (*ibidem*).

Em *New Atlantis*, obra publicada postumamente em 1626, Bacon apresenta-nos uma sociedade informada pela Religião e pelo Conhecimento Natural,¹ duas forças aparentemente indissociáveis. De acordo com os relatos de diversas personagens (do governador da *Strangers’ House*, por exemplo), tomamos conhecimento de que Bensalem é uma ilha milenar, que atravessou algumas transformações políticas e religiosas até ser finalmente considerada uma Terra Sagrada, uma Terra Prometida, como o próprio nome indica.² Não podemos ignorar, aqui, a presença das fortes crenças protestantes de Bacon, particularmente as calvinistas, do Povo Eleito e da Terra Prometida, visto que, de acordo com os “Cinco Pontos do Calvinismo”, é somente Deus que tem o poder soberano de escolher os *eleitos* e os *condenados*, uma vez que o pecador é “cego e surdo” e está irremediavelmente “ligado à sua natureza nociva e fraca”.³ Aliás, para atestar que Bensalem é, na verdade, uma nova Jerusalém, a terra sagrada e abençoada por Deus, Bacon oferece-nos uma sociedade pós-Milénio. O Milénio é, de acordo com algumas teorias, o advento do mundo perfeito. Segundo Malcom B. Hamilton, o Milénio é:

[A]n ultimate transformation of this world in the sense that no further improvements could be made since the world that will come to prevail will be perfect in every respect. It is also a collective rather than an individual form of salvation to be experienced and enjoyed by a whole community or the larger part of it. (cit. Hunt 2001: 13)

Ao que se acrescenta que esta salvação é concedida por “meios miraculosos” (Cohn, *ibidem*). Exactamente como ocorre na comunidade de Bacon: Bensalem é ideal devido à intervenção divina, oferecida, segundo as palavras do governador, cerca de vinte anos após a ascensão de Cristo.

About twenty years after the ascension of our Saviour, it came to pass, that there was seen by the people of Renfusa, (...) as it might be some mile into the sea, a great pillar of light; not sharp, but in form of a column, or cylinder, rising from the sea a great way up towards heaven; and on the top of it was seen a large cross of light, more bright and resplendent than the body of the pillar. (NA 4-5)⁴

Também, através deste fenómeno *deus ex machina* e pela vontade do Apóstolo Bartolomeu, vários documentos foram entregues às autoridades de Bensalem (ao investigador da *Salomon's House*) que pertenciam ao Antigo e Novo Testamentos e outros ainda desconhecidos. Parece clara agora a profunda relação entre o povo Bensalemita e o Cristianismo (e, daí, a razão da primeira e crucial questão dos Bensalemitas aos exploradores: "Are ye Christians?"). Porém, esta mesma ligação à Religião é posterior ao forte vínculo que partilham com o Conhecimento Natural.

É igualmente o governador da *Strangers' House* que revela aos navegadores a história da *Salomon's House* ou *College of the Six Days Works*. A *Salomon's House* fora criada dezanove séculos antes da chegada dos viajantes, por um grande soberano, cuja memória os Bensalemitas mais adoram, o Rei Salomona. Este líder foi sem dúvida um rei absolutista que, encontrando a sua ilha numa era de paz e prosperidade, concedida por um outro sábio e guerreiro monarca, Altabin, pôde, por fim, dedicar os esforços do seu povo à conquista do Conhecimento. Para isso, fundou a *Salomon's House*: "the noblest foundation (as [they] think) that ever was upon the earth; and the lanthorn of this kingdom. It is dedicated to the study of the works and creatures of God" (NA 8). Como o governador explica, o nome da instituição parece ser uma derivação do nome do rei, mas é também uma homenagem ao Rei dos Hebreus, Salomão, que, para além de um grande monarca, fora também um estudioso sábio, cujos feitos não lhe eram, de forma alguma, desconhecidos (NA 8-9). Aqui, parece clara a íntima relação entre Religião e Conhecimento Natural, não só através da designação do *College of the Six Days Works*, que remete para a criação do mundo por Deus, como também, de acordo com os relatos do governador, da própria intenção da instituição: "o estudo das obras e criaturas de Deus". No entanto, como veremos, esta não é uma situação assim tão elementar.

A comunhão entre Religião e Conhecimento da Natureza foi uma teoria que ganhou importância com Bacon, sendo ele próprio a base inspiradora do mais tarde designado *Pansofismo*. Bacon afirmou que "[o]nly let the human race recover that right over nature which belongs to it by divine bequest, and let the power be given it; the exercise thereof will be governed by sound reason and true religion" (cit. Paterson 1987: 420). Esta linha teórica foi especialmente desenvolvida por Jan Amos Komenský (1592 – 1670), mais vulgarmente conhecido por Comenius (que criou o termo), baseado nestas teorias de Francis Bacon. O Pansofismo, numa forma muito simples, defende que o Conhecimento da Natureza, maior criação de Deus, é o único caminho para alcançar a Harmonia entre os seres (e ainda entre seres e a Natureza), o fim dos conflitos e, finalmente, Deus. Por outras palavras, somente através do Conhecimento da Natureza é que o indivíduo poderá compreender e tocar Deus. É esta a aparente intenção da *Salomon's House*: descobrir Deus através da evolução científica e do estudo das divinas criações do Omnipotente.⁵

No entanto, durante o seu próprio relato, o ilustríssimo Investigador da *Salomon's House* declara que o intuito da Instituição é o conhecimento das "causas", dos "segredos das coisas" e da "expansão dos laços do império humano" (NA 14, ênfase e adaptação minhas). Daqui podemos concluir que o verdadeiro objectivo da instituição não é o conhecimento da obra de Deus, mas o alargamento do poder do ser humano. É neste ponto que começo a abordar o aspecto principal deste ensaio. Como afirmei no parágrafo introdutório, o que me proponho provar é que *New Atlantis* é, na sua essência, formada por uma teia de poder político e de supremacia científica.

Se fizermos uma análise atenta a *New Atlantis*, podemos concluir que a Ilha de Bensalem se encontra cravejada de pontos de vigilância e de políticas de secretismo criadas por Salomona. Uma dessas políticas refere-se à presença de estrangeiros em Bensalem. De acordo com o texto, os viajantes não só têm de responder a uma pergunta crucial sobre convicções religiosas, como são recebidos (após uma resposta afirmativa) numa habitação específica para estrangeiros (a *Strangers' House*), onde são mantidos em quarentena durante nada menos que três dias. Ao fim desses dias de reclusão, eles podem sair, desde que não vagueiem por mais de um *karan* (milha e meia) para além dos muros da cidade (NA 3-4). Parece evidente que a segurança é um dos pontos de maior preocupação das utopias renascentistas;⁶ o facto de a sociedade ser constantemente vigiada é, sem dúvida, uma medida de protecção dessa própria comunidade, sendo necessária uma contínua observação para que a sociedade ideal se mantenha intacta e protegida do restante mundo de imperfeição. Assim se compreende a permanente descrição de locais utópicos construídos em ilhas e/ou entre muralhas. Salomona criou também políticas de secretismo, impedindo que os Bensalemitas divulgassem determinados assuntos a visitantes, como declara o governador no seu discurso (NA 4). Estas medidas foram criadas de modo a que Bensalem fosse poupada à ambição dos países estrangeiros e das suas políticas expansionistas e colonialistas, como aconteceu no passado. Porém, para que a ilha se mantivesse sempre actualizada em termos científicos, foi também implementada uma providência para a constante actualização de conhecimentos, de modo a prevenir o obscurantismo (NA 6). Além de auto-protectoras, estas leis denotam, por outro lado, uma continuada vigilância em relação ao resto do globo.

Estas políticas de vigilância são vitais para uma mais profunda compreensão de *New Atlantis*, uma vez

que provam que esta comunidade não está somente assente no Conhecimento Natural e na Religião, mas também, e principalmente, em métodos maquiavélicos de poder. É sabido que Bacon, em muitos aspectos, defendia as controversas teorias de Maquiavel, como por exemplo, o facto de “a fama ser o maior bem humano”. A esta ideia, Bacon acrescenta que ela é melhor conseguida através das inovações da ciência e tecnologia, uma vez que beneficiam toda a humanidade, aliás, o maior império não é o de um indivíduo sobre o seu país, nem o do seu país sobre os outros países, mas sim o do ‘ser humano’ sobre o ‘universo’. A ciência e a tecnologia conduzem à fama mais duradoura, uma vez que a forma mais eficaz de dominar a mente dos homens é beneficiando o seu corpo (*apud* Paterson 1987: 439).

As questões religiosas são objecto de grande preocupação e controvérsia em *New Atlantis* e nas teorias baconianas. Analisemos, portanto, a presença do judeu, numa ilha onde somente a cristãos é dada permissão para entrar. O judeu é, sem dúvida, uma das mais importantes e controversas personagens de *New Atlantis*, uma vez que incorpora várias funções. Com a existência de um judeu em Bensalem, Bacon não só parece defender a tolerância religiosa (tema polémico na sua época, devido às constantes disputas religiosas), como, por outro lado, também atesta a existência do Milénio. Relativamente ao primeiro ponto, desejo simplesmente referir que é extremamente curioso que o autor tenha permitido a presença de um não-cristão numa ilha severamente cristã, e particularmente o facto de lhe conceder poder e prestígio social (não poderemos ignorar que o judeu revela ao narrador aspectos sobre a vida social dos Bensalemitas, e o facto de ter a possibilidade de contactar com os mais ilustres cientistas de Bensalem). Por outro lado, segundo várias teorias, o seu nome, Joabin, poderá remeter para Joachim di Fiore (c. 1135 – 1202), que defendia a futura vinda do Apocalipse, logo, do Milénio, inspirando muitos seguidores a partir do século XIII.

Apesar de todas estas conjecturas serem de grande interesse, sou de opinião de que a Religião de Bensalem representa, em *New Atlantis*, um papel mínimo, servindo simplesmente para legitimar a política científica. Como Denise Albanese defende no seu ensaio “*The New Atlantis and the Uses of Utopia*”, o Cristianismo tornou-se o código de um imperialismo intelectual: um desejo de tomar, de absorver e de controlar é legitimado pelo sinal da cruz, acrescentando que a presença da cruz designa o poder de conquistar (*apud* 1990: 511). Na verdade, Francis Bacon subverte os conceitos de religião, de forma a controlar a sociedade através de um meio que ela conheça (a crença em algo divino, superior). Além disso, através da religião, dissimula igualmente a sua paixão pelo conhecimento, único meio de alcançar poder e prestígio. Paul Ricœur, em *Lectures on Ideology and Utopia*, baseando-se no utopismo de Saint-Simon, afirma que a “ordem social” é construída por “paixões” mais que por “meras ideias” e acrescenta que serão os “artistas” e os “cientistas” a proclamar o “futuro da espécie humana” (1986: 294). No meu ponto de vista, creio que é exactamente isto que ocorre em *New Atlantis*, isto é, são os cientistas que, como base do *status quo*, orientam e controlam esta sociedade, transformando-a num “regime da ciência” (Albanese 1990: 519). De facto, *New Atlantis* é um “regime científico”, uma vez que são os investigadores da *Salomon’s House* que controlam totalmente a fluidez de informação em Bensalem; são os investigadores que decidem quais das invenções devem ser tornadas públicas e quais devem permanecer desconhecidas. Mais espantoso ainda é o facto de eles terem a possibilidade de controlar quais devem ser divulgadas ao Estado e quais devem manter em sigilo (NA 18). Esta revelação, feita pelo próprio Investigador da *Salomon’s House*, conduz-nos à conclusão de que o poder político é vago, nada comparável ao despotismo de Salomona ou de Altabin. Aliás, o cientista quebra uma das mais rígidas leis de sigilo de Salomona, dando permissão ao estrangeiro para publicar os seus conhecimentos sobre Bensalem e sobre a *Salomon’s House* (NA 18), provando assim possuir um estatuto acima do do próprio chefe de Estado – o topo de uma sociedade extremamente estratificada.⁷

Michel Foucault escreveu em *Orders of Discourse* que o poder funciona em e através do conhecimento (*apud* cit. Gunn 2006: 100). Acredito que é exactamente este o fenómeno que ocorre em *New Atlantis*. Através de um constante controlo da informação, do conhecimento, a *Salomon’s House* domina o sistema político-social de Bensalem. Aliás, talvez o poder desta Instituição não se limite às fronteiras da ilha, uma vez que a Instituição tem acesso ao conhecimento e às diversas realidades dos países ultramarinos, enquanto ela se mantém incógnita e vigilante. Quando o Mestre da *Salomon’s House* afirma que o objectivo principal da Instituição é alargar o “domínio humano”, é exactamente isso que eles tentam obter, através das suas invenções. As suas descobertas não só imitam e conquistam a Natureza como, de facto, a controlam. Eles não só conseguem alcançar Deus, como, na verdade, são semi-deuses, iludindo a velhice, a doença e, até mesmo, a morte. Uma das mais impressionantes invenções da *Salomon’s House* é, sem dúvida, a criação de “perspective – houses”, onde podem ser criados todos os tipos de luzes e radiações, assim como “deceits of the sight”, figuras, magnitudes, cores e sombras (NA 16). Ou seja, através destas “perspective – houses”, os cientistas poderiam muito facilmente criar o divino “ pilar de luz” que somente um Mestre da *Salomon’s House* pôde autenticar como milagre e assim implementar a Religião em Bensalem. Na verdade, Albanese crê que as origens da Religião são artificiais, manipuladas pela Instituição. Aliás, o próprio texto poderá provar isso mesmo. Na descrição da Revelação, há, a

determinado momento, uma alusão a “teatro”, possivelmente indicando uma representação, um logro. Assim, tendo a Organização poder para controlar a mente (através do Conhecimento e da Religião) e o corpo (através da juventude e da saúde), poderiam controlar o ser humano.

Bacon uses the New Atlantis to offer a vision of society dedicated to scientific advancement, but he also uses it indirectly to convey a political vision of an ordered society (in which, in various ways, Francis Bacon would receive his just desserts). (Price 2002: 42)

Esta declaração de Paul Salzman clarifica a minha posição: Bacon utiliza a Religião para justificar a busca do Conhecimento Natural (no seu tempo ainda muito subdesenvolvido e mal interpretado), como explica numa das suas obras-primas *The Advancement of Learning* (1605), e ainda com o desígnio de obter privilégios sociais e políticos. De facto, os Mestres da *Salomon’s House*, além de conhecimento e de poder, possuem também grande prestígio e autoridade. Na narração da visita do Investigador à cidade, não só reparamos que ele se encontra “ricamente adornado”, como também é tratado com reverência pelo povo, o qual se comporta ainda mais sossegada e ordeiramente do que um batalhão militar (NA 13).

Timothy H. Paterson escreveu que “[t]he aim of Bacon’s political philosophy, expressed most clearly in his *New Atlantis*, is to make a place in society for a science that will produce power for man” (1987: 439). Como Albanese declara, os Mestres da *Salomon’s House* são os “olhos” de Bensalem, opinião que obviamente partilho, tendo, aliás, escolhido para título essa mesma expressão. Em termos simbólicos, o *olho* é rico em significado, porque não só aponta para a luz da Sabedoria, do Conhecimento, como também para o onipotente *olho* de Deus, sempre atento às acções e aos corações dos seres humanos, representando assim a quase indissociável relação, na *Salomon’s House*, entre Conhecimento e Religião. Contudo, e concluindo, o *olho* também descreve a permanente vigilância de um pequeno grupo de indivíduos sobre toda uma sociedade, uma minoria que tudo controla e monopoliza.

Referências Bibliográficas

Albanese, Denise (1990), *The New Atlantis and the uses of Utopia*, Baltimore, the Johns Hopkins University Press.

Bacon, Sir Francis, *New Atlantis* (versão online: <http://www.gutenberg.org/etext/2434>), acedido pela última vez em 15 de Fevereiro de 2010 [1427].

Beer, Max (1979), *Geschichte des Sozialismus in England*; ed. ut.: *A History of British Socialism*, USA [1912].

Bierman, Judah (1963), *Science and Society in the New Atlantis and Other Renaissance Utopias*, Modern Language Association.

Gunn, Simon (2006), *History and Cultural Theory*, Edinburgh, Pearson Education Limited.

Hunt, Stephen (org.) (2001), *Christian Millenarianism: from the early Church to Waco*, London, C. Hurst & Co.

Paterson, Timothy H. (1987), *On the Role of Christianity in the Political Philosophy of Francis Bacon*, s. I., Palgrave Macmillan Journals.

Ricœur, Paul (1986), *Lectures on Ideology and Utopia*, New York, Columbia University Press.

Salzman, Paul (2002), “Narrative Contexts for Bacon’s *New Atlantis*,” in *Francis Bacon’s New Atlantis: New Interdisciplinary Essays*, Bronwen Price (ed.), Manchester, Manchester University Press.

Serjeantson, Richard (2002), “Natural Knowledge in the *New Atlantis*,” in *Francis Bacon’s New Atlantis. New Interdisciplinary Essays*, Bronwen Price (ed.), Manchester, Manchester University Press.

Warner, Charles Dudley (2008), *A Library of the World’s Best Literature – Ancient and Modern*, Vol. X, New York, Cosimo, Inc [1896].

Notas

¹ Opto por utilizar o termo “Conhecimento Natural” em substituição de “Ciência”, visto que “ciência”, no sentido moderno, não existia no tempo de Bacon. Para mais informação relativamente a este tema, consultar Serjeantson 2002.

² “Bensalem” é a aglutinação de Belém e de Jerusalém, duas das principais cidades míticas do Cristianismo.

³ Para informação mais detalhada sobre os princípios do calvinismo, aconselho, por exemplo, a leitura de Hunt 2001.

⁴ Todas as referências a *New Atlantis (NA)* presentes neste ensaio remetem para a versão *on-line* disponibilizada pelo Gutenberg Project: <http://www.gutenberg.org/etext/2434>

⁵ Para mais informação sobre Pansofismo, Bacon e Comenius, cf. Warner 2008 [1896].

⁶ Um ensaio de grande interesse relacionado com este assunto foi publicado, em 1963, por Judah Bierman com o título *Science and Society in the New Atlantis and Other Renaissance Utopias*.

⁷ Não podemos ignorar as contínuas referências a hierarquias sociais (patentes, por exemplo, no *Feast of the Family*), hierarquias políticas (já mencionadas) e mesmo hierarquias científicas (na *Salomon's House*, entre os próprios investigadores, nas estátuas de cobre, prata, e ouro, etc.).